

Enxertia da pimenteira-do-reino em espécies silvestres de *Piper*

Daniel Carvalho Scampini¹, Basílio Cerri Neto², Ana Júlia Câmara Jeveaux Machado³, Johnny da Silva Rodrigues², Cristhiane Tatagiba Franco Brandão^{1*}, Bliane Morozini Bacheti¹, Maria Ester Lenzi de Souza¹, Lúcio de Oliveira Arantes², José Aires Ventura², Sara Dousseau-Arantes²

¹Faculdades Integradas Espírito Santenses (Faesa). ²Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper). ³Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). ctatagiba10@gmail.com

A pimenteira-do-reino (*Piper nigrum* L.) é a espécie de maior importância econômica dentro do gênero *Piper*, amplamente valorizada por seus frutos, utilizados como condimento. No entanto, doenças como a fusariose limitam sua produtividade e longevidade nas lavouras. Nesse contexto, a produção de mudas da pimenteira-do-reino enxertadas em porta-enxertos resistentes a patógenos do solo tem sido considerada uma alternativa para o cultivo em áreas contaminadas. O experimento foi conduzido na Fazenda Experimental de Linhares (FEL), vinculada ao Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), no município de Linhares-ES. O estudo foi conduzido em delineamento em blocos casualizados, com três tratamentos: duas espécies silvestres (*Piper caldense* e *Piper aduncum*) e o homoenxerto (pimenteira-do-reino cv. Bragantina enxertada nela mesma), em quatro blocos, totalizando 324 plantas enxertadas. As espécies silvestres *P. caldense* e *P. aduncum* foram propagadas por sementes e a pimenteira-do-reino 'Bragantina' por estaquia, a partir de materiais do Banco Ativo de Germoplasma da FEL. As mudas das espécies silvestres foram transplantadas, após três meses, para tubetes de 280 cm³ com substrato orgânico e adubo de liberação lenta (Osmocote® 15-09-12). As mudas da cultivar Bragantina foram produzidas por estacas herbáceas, utilizando 400 mg L⁻¹ de ácido indol butírico e plantadas em tubetes de 280 cm³ com substrato e Osmocote®. A enxertia foi realizada quando as mudas atingiram entre 4 e 5 mm de diâmetro no coleto, utilizando o método de garfagem de topo em fenda cheia. Após o enxerto, foi feita pulverização com fungicida e cobertura com saco plástico até emissão de folhas, mantendo as plantas sob sombreamento de 50% com irrigação diária. Quatro meses após a enxertia, avaliaram-se a taxa de sobrevivência e as trocas gasosas utilizando o infravermelho LI-COR 6400 - Analisador de gases IRGA (LI-COR Inc., Lincoln, NE, EUA), em folhas expandidas do 2º nó a partir do ápice. As avaliações foram feitas entre 8h e 11h, com concentração de CO₂ mantida a 400 ppm. Os dados foram submetidos à análise de variância através do *software* SISVAR versão 4.3 e as médias foram comparadas pelo teste de Scott-Knott, ao nível de significância de 5%. Os resultados revelaram maior taxa de sobrevivência nos enxertos sobre *P. caldense*, sendo superior inclusive ao homoenxerto. As plantas enxertadas em *P. caldense* e na cultivar Bragantina apresentaram maiores taxas fotossintéticas, condutância estomática (g_s), eficiência no uso da água (EUA) e eficiência instantânea da carboxilação (EiC). As mudas enxertadas em *P. aduncum* tiveram desempenho fisiológico inferior, com baixos valores de g_s, EUA e EiC, o que pode estar relacionado à baixa compatibilidade enxerto/porta-enxerto. A utilização de *P. caldense* como porta-enxerto para a pimenteira-do-reino mostrou-se promissora, com maiores taxas de sobrevivência e melhor desempenho fisiológico, indicando maior compatibilidade na enxertia de fenda cheia.

Palavras-chave: *Condutância estomática; Inóculo; Genótipo.*

Agradecimentos: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes); Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag-ES); Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper); Centro Universitário Faesa.